

# Investigador Comunidade cabo-verdiana na Holanda é "invisível e silenciosa"

O investigador Pedro Góis defendeu hoje que a comunidade cabo-verdiana na Holanda, que na quarta-feira será visitada pelo Presidente de Cabo Verde, é "muito invisível e silenciosa", enfrentando "muitos dos problemas" das populações imigrantes.



Em entrevista à Lusa, o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que, em 2008, coordenou o estudo "Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana", comparou os imigrantes cabo-verdianos aos imigrantes portugueses, concluindo que "têm muitas similitudes" no que diz respeito à invisibilidade.

"Não se dá por ela [comunidade], [mas] daí a estarem bem integrados vai um passo ainda de gigante", distinguiu, assinalando que os cabo-verdianos na Holanda "ainda continuam a ter muitos dos problemas que têm as populações imigrantes", nomeadamente "baixa escolaridade no geral, alguma desqualificação profissional, alguns problemas ligados ao consumo de estupefacientes, gravidez adolescente".

Os primeiros cabo-verdianos partiram para a Holanda nos anos 1950, sobretudo para trabalhos marítimos. "As últimas décadas mostram uma comunidade completamente diferente", disse o investigador, preferindo não falar de "uma só comunidade", já que é "muito segmentada internamente", com "segunda e até terceira geração".

A comunidade é superior à habitual estimativa de 30 mil pessoas, referiu o professor universitário, que contabilizou "um número muito grande de pessoas com características muito diferentes" das que chegaram nos anos 50/60. "Haverá de tudo um pouco, desde operários e trabalhadores similares até altos quadros de empresas", disse.

Certo é que a comunidade na Holanda, apesar de "muito mais pequena" do que a que vive em Portugal, "tem um nível de remessas (...) muito elevado", acrescentou.

É também uma comunidade "historicamente" política. "Há muita ligação entre os quadros de Cabo Verde na Holanda e a renovação da política em Cabo Verde, vários ministros, secretários de Estado, deputados são pessoas que viveram algum tempo na Holanda como imigrantes e que regressam depois a Cabo Verde", lembrou.

A Holanda "continua a receber novas gerações" de cabo-verdianos, mas "uma parte" da comunidade é formada já por cidadãos holandeses, que mantêm ligação à comunidade e a Cabo Verde. "Continuam a falar algum crioulo, mas básico já. Normalmente falam português e inglês, e

holandês os que vivem na Holanda”, referiu.

Concentrados essencialmente em Roterdão, cidade “multicultural e poliétnica”, assumem a identidade cabo-verdiana também “por oposição” ao outro grupo étnico negro, os caribenhos.

Recordando que “a Holanda mudou muito nos últimos anos”, desde que o político Pim Fortuyn foi assassinado em 2002, Góis realçou que “as políticas de integração sofreram uma inflexão e são hoje muito menos generosas”, o que “afetará uma parte da comunidade, designadamente as gerações mais jovens e os recém-chegados”.

O investigador destacou que “uma parte dos que têm chegado ultimamente” à Holanda têm nacionalidade portuguesa, fazendo parte da comunidade cabo-verdiana em Lisboa, “que vai à procura de novas oportunidades” num país menos afetado pela crise. “Há um trânsito contínuo entre Lisboa e Roterdão”, quer para procurar trabalho, quer para visitas ou negócios, referiu.

O Presidente cabo-verdiano, Jorge Carlos Fonseca, chega a Roterdão na quarta-feira, depois de ter visitado Luxemburgo e Bélgica, no âmbito de uma digressão pela Europa, que pretende reforçar as relações com a União Europeia e contactar com as comunidades cabo-verdianas.